

ESTRANHO RESSENTIMENTO: da ambivalência ressentida e sua afinidade com o Unheimlich digital ¹ UNCANNY RESSENTIMENT: on resentful's ambivalence and its affinity with the digital Unheimlich

Rafael Burgos ²

Resumo: *O artigo propõe uma aproximação conceitual entre o ressentimento e o infamiliar (Unheimlich), observando a relevância de ambos como ferramenta de análise das sociabilidades digitais num cenário de consolidação da extrema direita. A partir da discussão inaugurada por Safatle (2023) e seu viés crítico à psicologização da política, busca-se trazer à tona um outro ressentimento, menos marcado por seu conteúdo (de ódio) do que por sua forma (ambivalente). Tendo em vista a infraestrutura digital como aquela que privilegia a ambivalência (Phillips & Milner, 2018), interessa pensar suas affordances tanto com o ressentimento como com o infamiliar. Defende-se, por fim, a importância de mobilizar ambos os conceitos na investigação de uma infraestrutura digital marcadamente ruidosa e não linear³.*

Palavras-Chave: *Ressentimento. Ambivalência. Plataformas digitais. Extrema direita. Infamiliar.*

Abstract: *The article proposes a conceptual approach between resentment and the Unheimlich, observing the relevance of both as a tool for analyzing digital sociabilities in an era of far-right politics. Based on the discussion initiated by Safatle (2023) and his critical bias towards the psychologization of politics, the article brings to light another definition of resentment, less marked by its content (hate) than by its form (ambivalent). Given the digital infrastructure as one that privileges ambivalence (Phillips & Milner, 2018), we aim to think about its affordances with both resentment and the Unheimlich. Finally, the article defends the importance of mobilizing both concepts in the investigation of a markedly noisy and non-linear digital infrastructure.*

Keywords: *Ressentiment. Ambivalence. Digital platforms. Far-right. Unheimlich.*

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Comunicação e Experiência Estética. 34º Encontro Anual da Compós, Universidade Federal do Paraná (UFPR). Curitiba - PR. 10 a 13 de junho de 2024.

² Doutorando em Comunicação e Cultura na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: burgossrafael@gmail.com.

³ Parte das reflexões deste artigo resultam da minha dissertação de mestrado, com o título “Bolsonarismo como revolta infamiliar: a estética do estranhamento em memes no Twitter” (Burgos, 2023), na qual explorei aproximações entre o ressentimento e o efeito de estranhamento (infamiliar) no discurso da extrema direita.

1. Introdução

Nas edições 206 e 209 da revista *piauí*, os pesquisadores Vladimir Safatle (2023) e Cesar Zucco, David Samuels & Fernando Mello (2024) se engajaram numa discussão a respeito da (in)validade do ressentimento enquanto categoria de análise política, tendo em vista a consolidação da extrema direita no campo conservador brasileiro e global. Enquanto Safatle (2023) focou a sua crítica no que chamou de “psicologização da política” e no uso do ressentimento, pela esquerda, enquanto álibi para a própria deficiência de suas políticas junto à classe trabalhadora, Zucco, Samuels e Mello (2024) se apoiaram em pesquisa própria para apontar o ressentimento como resultado, não do fracasso, mas do sucesso de políticas públicas de esquerda que provocaram mudanças na percepção de status social de pessoas hoje identificadas com a direita.

Enquanto em Safatle (2023) o ressentimento é denunciado como código moral que obstrui a percepção da precarização que atinge os sujeitos ditos ressentidos, no segundo caso, é apontado como fenômeno que atinge diferentes sociedades como reação a processos de transformação que têm como resultado a perda de privilégios para determinados grupos. Ao fim de ambas as leituras, prevalece a sensação de que os autores estão em terrenos distintos: se Safatle (2023) se preocupa, fundamentalmente, com a pragmática do ressentimento, quer dizer, sua mobilização no âmbito da retórica por um campo progressista em busca de justificar seus próprios erros, Zucco, Samuels e Mello (2024) se atêm à – inconteste – validade sociológica do conceito, recorrendo à sua presença na literatura de análise de fenômenos sociais para destacar o que soa inegável: a ascensão de grupos desprivilegiados, com efeito, gera perda de privilégios aos demais, o que afeta a sua ansiedade social e animosidade perante os que tiveram ganhos relativos.

A réplica ao filósofo, no entanto, incorre no problema de generalizar o eleitor deste campo, marcado por uma transversalidade de classe (Nunes, 2022) bastante distinta do velho marcador elite-trabalhador, de modo que os pretensos “ressentidos” da extrema direita são, em muitos casos, beneficiários de políticas econômicas e sociais petistas. É, fundamentalmente, deste paradoxo – do vínculo ambivalente que marca o ressentimento – que trata o artigo em questão.

Desse modo, prosseguiremos com uma breve apresentação da literatura acerca do ódio e do ressentimento na análise da extrema direita a fim de localizar os respectivos posicionamentos de Safatle (2023) e Zucco, Samuels e Mello (2024) num contexto mais amplo, com a hipótese de que a leitura de ambos, na linha da literatura social e política da última década, sobrevaloriza o conteúdo do ressentimento, isto é, o objeto de seu discurso, deixando de lado dimensões formais que, ao nosso ver, são cruciais para complexificar a leitura deste conceito.

No tópico seguinte, identificamos na leitura de Nietzsche (2019), Scheler (1961), Kehl (2020) e Klein (1991), uma ambivalência própria a esse afeto, leitura esta que tem ressonâncias em análises contemporâneas da extrema direita, como as de Cesarino (2022) e Krastev (2019). Nossa intenção é trazer à tona um *outro* ressentimento, menos marcado por um ódio unidimensional do que por uma relação ambivalente, ou secreta (Scheler, 1961, p. 24), frente ao desejo. Tal dimensão, ao nosso ver, é mais apropriada para dar conta da heterogeneidade do discurso de extrema direita e sua particular tática de espelhamento de discursos progressistas (Burgos, 2023).

Em seguida, analisamos a atual infraestrutura digital, buscando localizar as suas *affordances* com o ressentimento, no que diz respeito a duas dimensões fundamentais: um digital ruidoso e não linear, que propicia efeitos de estranhamento (infamiliar). Tendo em vista a centralidade deste ambiente para a circulação de discursos políticos na contemporaneidade, nosso objetivo é localizar modos alternativos pelos quais o digital favorece o ressentimento, quer dizer, via aspectos formais de sua infraestrutura e estética, para além dos incentivos socioeconômicos que levam à monetização do ódio.

2. Ressentimento como ódio nas análises da extrema direita

Desde a primeira ascensão de Donald Trump à presidência dos Estados Unidos e o começo do que viria a ser chamada de quarta onda de extrema direita global (Mudde, 2019), estudiosos têm se debruçado sobre o fenômeno do ponto de vista de sua circulação afetiva. Afinal, seu *modus operandi* consiste em transgredir uma série de regras implícitas do jogo democrático, o que inclui, especialmente, aquela que dita os bons modos do debate público (Conway.; Repke; Houck, 2017). Como resultado, enterrou-se, em definitivo, as utopias em torno dos potenciais democráticos e inclusivos da esfera pública digital, que passou a ser

identificada, progressivamente, como terreno do ódio, da mentira e do ressentimento (Da Empoli, 2019; Fielitz & Marcks, 2019).

O ódio como política (Solano, 2018) é o título de uma das primeiras coletâneas que buscaram dissecar, a partir de um enfoque multidisciplinar, o fenômeno bolsonarista antes das eleições de 2018. No mesmo sentido, De Castro Rocha (2021) prestou uma valiosa contribuição ao dissecar a mentalidade bolsonarista a partir do que classificou como a “retórica do ódio”, construída, sistematicamente, a partir das ideias do filósofo Olavo de Carvalho. Em *A máquina do ódio*, por sua vez, Mello (2020) destrincha, a partir de sua experiência pessoal, a indústria de linchamentos virtuais operada pelo bolsonarismo e pela extrema direita global. Já Pereira, Prado & Prates (2022) dialogam com essa perspectiva ao recuperarem os sentidos em disputa na política brasileira desde o pré-Junho de 2013, destacando a prevalência de circuitos dos afetos do ódio após a explosão dos antagonismos ao fim do pacto lulista.

O discurso de ódio também é objeto de análise de Silva, Francisco & Sampaio (2021), que mapeiam sua circulação na *fanpage* de Jair Bolsonaro no Facebook ao longo de sua extensa campanha até as eleições de 2018. “Da esperança ao ódio” é, também, como Pinheiro-Machado (2019) nomeia o percurso passional observado em sua extensa etnografia junto a jovens moradores da periferia de Porto Alegre, compreendendo a precária socialização pelo consumo ocorrida nos governos petistas, e que desembocou no ressentimento bolsonarista. O ressentimento, por sua vez, é objeto de análise de autores como Idelber Avelar e Thiago Ribas em sua leitura do bolsonarismo. Enquanto Ribas (2023) recupera a perspectiva de Wendy Brown sobre a solidariedade entre o ressentimento e o neoliberalismo, Avelar (2021) avança a hipótese de que a política conciliatória da Nova República, do ponto de vista discursivo, teria propiciado um terreno fértil para a irrupção do ressentimento bolsonarista. Ferraz & Saint Clair (2019) também contribuíram com uma investigação dos fundamentos da viralização do ódio online, chamando atenção para o caráter negativo e antagonístico de sua operação.

Se voltamos ao debate na *piauí* que orienta este artigo, a abordagem de Zucco, Samuels e Mello (2024) encontra eco na literatura da última década, especialmente a partir de dois vieses analíticos: 1) social, que caracteriza a extrema direita como reação de grupos privilegiados à ascensão, seja ela simbólica ou socioeconômica, de camadas menos favorecidas da sociedade e 2) afetivo, que identifica no ódio unilateral das plataformas digitais uma expressão da violência social levada adiante por este campo político.

Como mostraremos adiante, há ambivalências fundamentais deixadas de lado na maioria destas análises, e para as quais o próprio ressentimento pode ser mobilizado de outra forma. Insistimos, à gramática do ódio, da violência e da unilateralidade associadas à extrema direita deve-se agregar uma outra, que observa os ruídos, ambivalências e estranhamentos típicos de sua estética e de seu discurso, que visam a aprofundar o mesmo impasse político-comunicacional que a gerou – em outras palavras, hospedeira de um corpo em crise.

Não obstante o rigor analítico desta literatura acerca do ódio, há de se perguntar – e é isto que faz Safatle (2023) – a que serve, politicamente, este diagnóstico. Nos últimos anos, o filósofo tem se notabilizado por oferecer uma autocritica à esquerda que comece pelo atravessamento das desorientações do campo. Tal projeto, que se resume no seu mais recente livro *Alfabeto das colisões*, tem na recusa do ressentimento um aliado – como dissemos, pragmático – contra a absolvição política e moral do campo progressista frente ao avanço da extrema direita. Com isso, Safatle quer nos lembrar de como a guinada fascista se confunde com o aproveitamento de ambivalências, recuos e silenciamentos imanentes ao discurso democrático. Nesse sentido, pretende-se, aqui, resgatar um *outro* ressentimento não para divergir do autor, mas, ao contrário, para demonstrar a sua esquecida potência analítica enquanto signo particular da mesma política ambivalente que Safatle privilegia.

3- Por uma outra gramática do ressentimento: ambivalente, estranho

Vivemos a era do capitalismo comunicativo, na definição de Jodi Dean (2005), ou do capitalismo comunicacional, na abordagem de José Luiz Aida Prado (2019). Esta é uma forma de nomear um contexto sociocultural em que a comunicação ocupa o centro de um novo capitalismo, marcado, antes de tudo, pela transição de um imperativo da contenção dos impulsos – aquele da ética weberiana – para a convocação às múltiplas formas de gozo, momento histórico que Boltanski & Chiapello (2009) nomearam “novo espírito do capitalismo”, ou no que Fontenelle (2017) classifica como cultura do consumo.

Nessa cultura, o adiamento da satisfação, que antes era entendido como virtude moral, começa a conflitar com uma necessidade imediata de consumir, de buscar o gozo imediato dos objetos, traços de um sujeito neoliberal que é convocado, constantemente, à “satisfação garantida ou seu dinheiro de volta” (Fontenelle, 2017, p. 196). Como ilustrado pelo filósofo Mark Fisher (2020, p. 140), nesse cenário, a sociedade torna-se objeto de um “duplo imperativo

cruel”, já que “durante toda a sua vida foi levada a acreditar que não prestava para nada, [e então] é simultaneamente bombardeada pela injunção de que pode fazer tudo o que quiser” – a lógica perversa de uma Lei que convoca à transgressão impossível, gerando, como resultado, um estado perpétuo de insatisfação perante o próprio desejo. Este sujeito permanentemente frustrado tem como marca a construção de vínculos frágeis com os objetos, que se tornam rapidamente substituídos (Jameson, 1997; Lipovetsky, 2007).

Pois se trata de perguntar: qual seria o lugar do ressentimento neste capitalismo comunicacional que convoca sujeitos despossuídos para um gozo impossível? Não seria o ressentimento um afeto particularmente adequado à plasticidade tão característica do nosso tempo? Em nossa hipótese, o ressentimento remete ao fracasso do sujeito em elaborar o luto do seu objeto perdido, isto é, manifestação de um *resto psíquico* que perpassa este intenso movimento de apego e desapego perante os objetos: o ressentimento como forma afetiva que sinaliza uma incapacidade de realizar a pretensa substituição, daí a importante relação atribuída por Maria Rita Kehl (2020) entre o ressentimento e a melancolia, entendida, em sua matriz freudiana, como o luto não elaborado. Em ambos, “o objeto cuja perda parece tão irreparável é também um objeto odiado” (Kehl, 2020, p. 37), uma posição eivada de ambivalência.

Na célebre explicação de Nietzsche (2019), aprendemos que a moral ressentida se constitui a partir de uma inversão, isto é, a sua construção depende de se opor a um outro: se ser puro é o seu norte, isto será não porque a pureza é adequada, mas porque a impureza está no outro. O puro se configura como o não impuro, da mesma forma como o bom se configura como o não mau.

imaginemos "o inimigo" tal como o concebe o homem do ressentimento e precisamente nisso está seu feito, sua criação: ele concebeu "o inimigo mau", "o mau", e isto como conceito básico, a partir do qual também elabora, como imagem equivalente, um "bom" ele mesmo! (Nietzsche, 2019, p. 22)

Essa inversão, no entanto, é carregada de nuances, modo de dizer que, no ressentido, o apego à moral do inimigo se manifesta de forma ambivalente. Para Scheler (1961, p. 24), o ressentimento remete a uma linguagem da insinuação. Em última instância, “o ressentido, secretamente, deseja os valores que ele publicamente denuncia”. Devido a esse apego mal resolvido, o sujeito ressentido alterna entre odiar a moral do inimigo e incorporar, de maneira imitativa, irônica, aquela mesma moral, como num espelho infamiliar em que o antagonista

veria o seu próprio discurso acrescido de elementos obscenos. Por ser impotente para se vingar, este seria um modo, conforme Deleuze (2006), de o ressentido exercer a sua vingança imaginária contra o inimigo – performando, em si mesmo, os elementos inquietantes daquele.

Em diferentes estudos da extrema direita contemporânea, vemos análises que tangenciam essa dinâmica: enquanto Ferraz e Saint Clair (2022) apontam para a produção de “inquietantes duplos” no bolsonarismo digital e seu movimento de “assombrar” signos democráticos, como a palavra “liberdade”, Naomi Klein (2023), em sua investigação sobre a atuação digital da extrema direita na pandemia, identifica o hábito de “espelhar crenças e preocupações que jogam luz sobre os fracassos e os silêncios do campo progressista” (2023, p.89). No mundo do espelho descrito por Klein, “há sempre uma resposta em forma de imitação, com frequência usando palavras-chave parecidas” (2023, p.111).

A melhor ilustração de como opera, psicologicamente, este espelho se encontra na obra *The light that failed*, em que os cientistas políticos Stephen Holmes e Ivan Krastev (2019) propõem uma ousada explicação, à luz da psicologia política, para a atual onda de ressentimento no Leste Europeu contra os valores liberais do Ocidente. Para os autores, é impossível compreender a revolta destas populações sem levar em conta que, para elas, o fim da Guerra Fria se confundiu com um imperativo de imitação do Ocidente. De repente, países culturalmente heterogêneos se viram convencidos a “virar a página” do seu passado, num clima que alude ao famoso “fim da história” anunciado pelo filósofo Francis Fukuyama (1992): o modo de vida ocidental seduzia por prometer prosperidade econômica e igualdade de oportunidades: quem não seguisse o barco ficaria para trás.

Na análise de Holmes e Krastev (2019), a ascensão da extrema direita nestes países pode ser entendida como resultado de um imperativo de imitação que, frustrado, recorre à vingança imaginária contra os imitados. Como no discurso do húngaro Viktor Orbán⁴, sua “democracia iliberal”, mais do que uma alternativa ao Ocidente, seria sua única salvação – modo de enunciar uma virada de chave: os imitadores agora reivindicam a condição de imitados. Aqui se evidencia, como dissemos, a dimensão ambivalente do ressentimento, cujo desejo pelo objeto alheio enseja o seu repúdio como vingança pelo que não fora concedido (a promessa do fim da história).

⁴ Ver: <https://www.dw.com/en/viktor-orban-era-of-liberal-democracy-is-over/a-43732540>.

Em seu artigo sobre a metapsicologia do ressentimento, Veire (2018) explica essa dinâmica recuperando os escritos da psicanalista Melanie Klein (1991) a respeito da importância da inveja na relação do bebê com a mãe, que possui o objeto fonte de sua sensação de falta. Por deter esse aparente poder sobre o desejo do bebê, a mãe é elevada a alguém “onipotente” (Veire, 2018, p. 91) e, portanto, responsável pela frustração do bebê ao, supostamente, esconder o seu objeto de desejo. Frustrado ao perceber que sua satisfação depende de uma concessão do outro, o bebê, assim, “por ressentimento, pode recusar o seio quando oferecido pela mãe, como se quisesse puni-la por não estar sempre disponível” (Ibid., p. 97). Assim, podemos concluir que o “desejo de estragar e destruir parece revelar mais profundamente a essência da inveja do que o desejo de roubar para si” (Ibid., p. 91).

Nessa punição do bebê à mãe, vemos o percurso do ressentimento conforme descrevemos: um desejo que, ao não ser atendido, se revolta contra a figura da “mãe maliciosa”, a responsável pela frustração. Por não tolerar a condição de “receptor passivo que não está no controle do ato de dar, ele inveja a própria capacidade da mãe de dar e quer destruí-la” (Ibid., p. 91), ilustração que dialoga, precisamente, com o jogo de imitações descrito por Holmes e Krastev. No ressentimento de Orbán com o Ocidente liberal, “sua máxima vingança não é apenas rejeitar o antes bem-vindo imperativo de imitação, mas invertê-lo”, de modo que, para salvar a crise das democracias, o Ocidente é que precisaria imitar o Leste, e não o contrário – inversão de papéis característica da vingança do bebê contra a mãe.

Como resultado, segundo Holmes e Krastev, regimes como a Rússia de Vladimir Putin e a Hungria de Viktor Orbán levam adiante um outro tipo de imitação, que incorpora ao seu regime político “o que eles [os ocidentais] percebem como os comportamentos mais odientos da hegemonia americana” (Ibid., p. 15), modo de sugerir que a sua democracia iliberal seria *mais ocidental que o próprio Ocidente* (Burgos & Bryar, 2022) ao encenar um espelho em que os norte-americanos veriam o seu próprio modelo institucional (a democracia liberal) acrescida de um autoritarismo sem máscaras – o seu obsceno infamiliar. Nesse sentido, importa aqui propor uma aproximação entre o ressentimento e o que chamamos de *Unheimlich* digital, a fim de jogar luz sobre as estranhezas próprias a uma infraestrutura marcadamente não linear e ruidosa. É neste terreno, afinal, que a extrema direita tem consolidado seu projeto de poder, ao nosso ver ancorado em procedimentos estéticos e discursivos que fazem circular esta posição ambivalente que caracteriza o ressentimento.

4- Ambivalência e estranhamento no ambiente digital

Em minha dissertação de mestrado (Burgos, 2023), demonstrei como o ambiente de “colapso de contexto” (Cesarino, 2022) das plataformas favorece a circulação de estranhamentos típicos ao infamiliar freudiano. A partir da leitura do conto O homem da areia, de E. T. A. Hoffmann, autor da literatura fantástica, Sigmund Freud (2019) inaugura o conceito de *Unheimliche*, termo em alemão que designa a angústia provocada pelo contato com o estranho que persiste num dado universo familiar. A partir de processos de recalçamento, na concepção freudiana, nossa psique se forma ao custo de “restos de atividade psíquica” (Ibid., p. 85) que revelam, em última instância, o caráter contingente de nossa identidade.

Traduzido para o português como infamiliar, inquietante ou mesmo estranho familiar, tal combinação de palavras evoca a própria ambivalência do alemão original, como lembram Ferraz & Saint Clair (2022, p. 19), afinal, *heimlich* pertence a dois grupos de ideias divergentes, mas não opostas: por um lado, o que é familiar e aconchegante; por outro, o que se mantém secreto e oculto. A relação dicotômica *heimlich/unheimlich* se furta à lógica da contradição. O estranho pode ser o mais próximo; e vice-versa. Ambos os termos perdem sua nitidez opositiva. A partir de um léxico que remete aos duplos, à assombração, ao retorno do recalcado, “chama-se *Unheimliche* a tudo o que deveria permanecer em segredo, escondido, mas que veio à tona” (Freud, 2019, p. 43).

Apresentado o conceito, é importante explicarmos por que classificamos o digital como um ambiente ruidoso e não linear, características que favorecem a circulação desse estranhamento freudiano. Na obra *The ambivalent internet*, Whitney Phillips e Ryan Milner (2018) destacam a proliferação de expressões ambivalentes na internet dos memes da última década, marcada por uma linha tênue que separa “o antagonístico do social, o criativo do disruptivo, o engraçado do ofensivo”. Melhor do que ninguém, as subculturas *trolls*, objeto de estudo de autores como Phillips (2015), Nagle (2017) e Beran (2019), foram pioneiros em utilizar o humor como modo de jogar com esta ambivalência digital, numa espécie de revolta que oscila entre o ataque frontal e o espelhamento infamiliar.

Essa dimensão infamiliar (ou inquietante; estranha) é igualmente destacada por Beran (2019), cujo livro *It came from something awful* busca “rastrear a maneira pela qual cultura e contracultura, a internet e a realidade, a política e o entretenimento, vieram a se refletir um no

outro numa espécie de *hall* de espelhos”. Assim, a partir de um “humor brutal”, como destaca Pinto Neto, os *trolls* jogam na “zona de indecidibilidade entre o sério e o jocoso” (2018, p. 84), daí porque o ato de trollar, na cultura digital, adquiriu um sentido que remete ao riso provocado por um ruído comunicacional, como se as duas partes, “trollador” e “trollado”, estivessem em dois regimes discursivos diferentes, o primeiro no performativo e o segundo, no constativo (Avelar, 2021, p. 317).

Para além deste ruído encarnado na figura dos *trolls*, o digital é também caracterizado por sua não linearidade, isto é, uma infraestrutura circular cujo regime temporal perturba as distinções entre semelhança e diferença, original e cópia, sujeito e objeto – inversões típicas do infamiliar freudiano. Ao analisar a propagação memética em redes sociais, a pesquisadora Yvana Fachine observa seu caráter não linear – ou “elíptico” (Fachine, 2019, p. 34) –, marcado por relações assimétricas e multidirecionais, destacando que “na lógica rizomática das redes sociais, só é possível constatar como os conteúdos se modificam, sem saber ao certo quando ou onde surgem as transformações” (Ibid., p. 33-34).

Referência para os estudos do populismo digital de extrema direita, a antropóloga Letícia Cesarino (2021) destaca a aliança entre o neoliberalismo autoritário e a cibernética como eixo fundamental da política contemporânea, marcada por uma “reorganização espaço-temporal” (Ibid., p. 2). Essa nova temporalidade, de caráter circular, “encontraria ressonâncias menos com a ‘flecha’ da modernização do que com espaços-tempo não lineares, como no dispensacionalismo cristão e nas doutrinas tradicionalistas que caracterizam a direita alternativa nos EUA, no Brasil e alhures” (Ibid., p. 5).

Dessa infraestrutura circular que perturba oposições resulta, como sugere a escritora Lydia Pyne (2019), uma crescente incapacidade de distinção entre o real e o falso no mundo digital, o que, por sua vez, impacta o valor cultural do que é percebido como autêntico – nesse ambiente, um objeto falso, por vezes, pode atender melhor às expectativas de autenticidade do que o original verdadeiro. Assim como os *trolls*, os “*fakes* genuínos” analisados pela autora têm “uma habilidade inquietante de perturbar o *status quo* cultural, uma vez que desafiam como as coisas se tornam reais” (Pyne, 2019, p. 18), processo que alude, por exemplo, à inquietação provocada pela inteligência artificial, como no caso do banco de dados de rostos pretensamente humanos produzidos por IA generativa. Para a pesquisadora Fernanda Bruno (2024), a

multiplicação de rostos a partir de “rastros individuais” inquieta ao pôr em questão o que há de diferente entre um “rosto com pessoa” e um “rosto sem pessoa”.

Essa propriedade de “levantar questões” é, precisamente, o que os pesquisadores Gray, Bounegru & Venturini (2020) atribuem ao fenômeno das *fake news*, em seu fundamental artigo que analisa a estranha relação entre estas e as plataformas digitais. Para além do que é dito (seu conteúdo), as *fake news* “problematizam as condições de dizer” (p. 320), isto é, a infraestrutura na qual operam. Assim, “é em parte as capacidades agenciais das infraestruturas digitais de configurar, multiplicar e redistribuir hábitos e relações de formas inesperadas que geram *ambiguidades inquietantes* (grifo nosso)”.

Se há crescente atenção ao digital como terreno da ambivalência (Phillips & Milner, 2018; Gray, Bounegru & Venturini, 2020) e da não linearidade (Cesarino, 2021, 2022; Fachine, 2019; Pyne, 2019) ou, ainda, como sintoma no sentido lacaniano do termo – de um elemento estranho que *põe em questão* (Gray, Bounegru & Venturini, 2020, p. 334) categorias de apreensão do mundo (semelhança e diferença, original e cópia, sujeito e objeto etc.) –, talvez seja o caso de estudar a extrema direita, seu siamês político, a partir do mesmo enfoque: um fascismo que mais *perverte* do que ameaça a democracia; que se engaja com os seus elementos obscenos de modo a produzir um estranho espelho em que o discurso democrático tem de confrontar um filho bastardo, pois “as boas cópias são aquelas que revelam o absurdo dos originais” (La Rochefoucauld apud Krastev, 2019, p. 78).

5- Considerações finais

Ante o exposto, à luz da polêmica envolvendo Safatle (2023) e Zucco, Samuels & Mello (2024), propõe-se uma terceira via interpretativa acerca do ressentimento, que, à diferença do primeiro, reconhece um lugar privilegiado a este conceito na análise das sociabilidades contemporâneas, porém, de modo distinto dos últimos, resgata do ressentimento uma gramática mais estética do que sociológica, isto é, concebendo-o como um modo de organização afetiva que tangencia expressões ambivalentes próprias ao mundo digital. Nesse sentido, a resposta à objeção pragmática de Safatle contra o ressentimento consiste em jogar o conceito contra si mesmo como ato verdadeiramente pragmático, assim, resgatando deste uma potência analítica esquecida, antes de condená-lo pelo que não é.

Essa elaboração nos parece importante num cenário de consolidação da extrema direita como força global e sua nova roupagem que, a partir da segunda presidência de Donald Trump, cristaliza uma *estranha* articulação entre a ala fascista-revolucionária do trumpismo e os chamados ‘tech bros’⁵, representados pelo super-ministro Elon Musk. Tal aliança explicita as mencionadas *affordances* entre a infraestrutura digital das plataformas e o extremismo de direita, que, cada vez mais, se confundem como um único projeto político. Se levamos adiante esta premissa, é tempo de investigar mais a fundo as coincidências entre ambos no campo da estética política, a saber, tanto as propriedades técnicas das redes que favorecem o discurso da extrema direita como a estratégia desta para exercer tal vantagem.

Nesse sentido, ao resgatar um outro viés analítico para o ressentimento e, ainda, chamar atenção para o casamento entre este e a estética do infamiliar a partir de sua matriz ambivalente, o artigo, apesar de divergir de Safatle (2023) em sua conclusão, busca levar adiante a premissa do filósofo, no sentido de buscar explicações mais inquietantes para o fenômeno global da extrema direita, compreendendo o sentido pragmático da ambivalência como categoria analítica que provoca questões antes de oferecer respostas.

Referências

- AVELAR I. **Eles em nós: Retórica e antagonismo político no Brasil do século XXI**. Edição do Kindle. Rio de Janeiro: Record, 2021. *E-book*.
- BERAN, D. **It came from something awful**. Edição do Kindle. New York: St. Martin 's Publishing Group, 2019. *E-book*.
- BOLTANSKI, L. & CHIAPELLO, È. **O novo espírito do capitalismo**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.
- BRUNO, F. Rostos familiares, mãos desfiguradas: um instante na máquina de gerar imagens. Apresentação realizada no **Seminário Internacional - O mal-estar no século XXI: Dilemas da sociabilidade contemporânea**, Rio de Janeiro, 26 de setembro de 2024.
- BURGOS, R. **Bolsonarismo como revolta infamiliar: a estética do estranhamento em memes no Twitter**. Dissertação de Mestrado, **Pontifícia Universidade Católica de São Paulo**, 2023.
- BURGOS, R.; BRYAR, T. Vladimir Putin e a paródia do Ocidente, 2022. **Blog da Boitempo**. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2022/03/04/vladimir-putin-e-a-parodia-do-ocidente/>. Acesso em: 10 jul. 2022.

⁵ Ver: <https://www.theguardian.com/commentisfree/2025/jan/18/tech-bros-trump-inauguration-silicon-valley-nation-state>.

CESARINO, L. As ideias voltaram ao lugar? Temporalidades não lineares no neoliberalismo autoritário brasileiro e sua infraestrutura digital. **Caderno CRH**, v. 34, e021022, 2021.

CESARINO, L. **O mundo do avesso - verdade e política na era digital**. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

CONWAY, L. G.; REPKE, M. A.; HOUCK, S. C. Donald Trump as a cultural revolt against perceived communication restriction: Priming political correctness norms causes more Trump support. **Journal of Social and Political Psychology**, v. 5, n. 1, p. 244-259, 2017.

DA EMPOLI, G. **Os engenheiros do caos**: como as fake news, as teorias da conspiração e os algoritmos estão sendo utilizados para disseminar ódio, medo e influenciar eleições. Belo Horizonte: Vestígio Editora, 2019. E-book.

DEAN, J. Communicative capitalism: Circulation and the foreclosure of politics. **Cultural politics**, v. 1, n. 1, p. 51-74, 2005.

DE CASTRO ROCHA, J. C. Guerra cultural e retórica do ódio: crônicas de um Brasil pós-político. Goiânia: Editora e Livraria Caminhos, 2021. E-book.

DELEUZE, G. **Nietzsche and philosophy**. New York: Columbia University Press, 2006.

FERRAZ, M. C. F. & SAINT CLAIR, E. Por uma genealogia do ódio online: contágio, viralização e ressentimento. **Matrizes**, v. 13, n. 1, p. 133-147, 2019.

FERRAZ, M. C. F. & SAINT CLAIR, E. Políticas da assombração: o populismo bolsonarista como produção de inquietantes duplos. **Galáxia**, São Paulo, v. 47, 2022.

FIELITZ, M. & MARCKS, H. **Digital fascism: challenges for the open society in times of social media**. Berkeley: Berkeley Center for Right-Wing Studies, 2019.

FISHER, M. **Realismo capitalista**: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo? São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

FONTENELLE, I. A. **Cultura do consumo**: fundamentos e formas contemporâneas. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2017.

FREUD, S. **O infamiliar [Das Unheimliche]** - Edição bilíngue comemorativa (1919-2019). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. E-book.

FUKUYAMA, F. O Fim da História e o Último Homem, trad. Aulyde Soares Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

GRAY, J.; BOUNEGRU, L. & VENTURINI, T. 'Fake news' as infrastructural uncanny. **New media & society**, v. 22, n. 2, p. 317-341, 2020.

HOLMES, S. & KRASTEV, I. **The Light that Failed: A Reckoning**. Great Britain: Penguin Books, 2019.

JAMESON, F. **Pós-Modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio**. Tradução por Maria Elisa Cevalco e Iná Camargo Costa. São Paulo: Ática, 1997.

KEHL, M. **Ressentimento**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2020.

KLEIN, M. **Inveja e gratidão: e outros trabalhos 1946-1963**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1991.

KLEIN, N. **Doppelgänger: A Trip into the Mirror World**. UK: Allen Lane, 2023.

LIPOVETSKY, G. **A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MELLO, P. C. **A Máquina do Ódio: notas de uma repórter sobre fake news e violência digital**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. E-book.

MUDDE, C. **The far right today**. New Jersey: John Wiley & Sons, 2019.

NAGLE, N. **Kill all normies: Online culture wars from Tumblr and 4chan to the alt-right and Trump**. Winchester, UK: Zer0 Books, 2017. E-book.

NIETZSCHE, F. **Genealogia da moral**. 1ª ed. Coleção Nietzsche. São Paulo: LeBooks, 2019. E-book.

NUNES, R. **Do transe à vertigem: Ensaio sobre bolsonarismo e um mundo em transição**. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

PEREIRA, H. P.; PRADO, J. L. A. & PRATES, V. **Comunicação em rede na década do ódio: afetos e discursos em disputa na política**. Barueri: Estação das Letras e Cores, 2022

PHILLIPS, W. **This is why we can't have nice things: mapping the relationship between online trolling and mainstream culture**. Cambridge: The MIT Press, 2015.

PHILLIPS, W. & MILNER, R. **The ambivalent internet: Mischief, oddity, and antagonism online**. New Jersey: John Wiley & Sons, 2018.

PINTO NETO, M. Do populismo reacionário ao exterminismo: yuppies, neggers e trolls. **Crise e Crítica**, v. 2, n. 2, 2018.

PRADO, J. L. A. Perversão clean na cultura do consumo. **MATRIZES**, v. 13, n. 1, p. 49-70, 2019.

RIBAS, T. Neoliberalismo e ressentimento: bolsonarismo na pandemia | Shannon Bell. **Transe**, 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=J80OEVNgV7U>. Acesso em: 20 jul. 2023.

SAFATLE, V. Ressentimento não explica atração da extrema direita. **piauí**, 3 nov. 2023. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/ressentimento-nao-explica-atracao-da-extrema-direita/>. Acesso em: 29 jan. 2025.

SCHELER, M. **Ressentiment**. New York: The Free Press, 1961.

SILVA, L. R. L.; FRANCISCO, R. E. B.; SAMPAIO, R. C. Discurso de ódio nas redes sociais digitais: tipos e formas de intolerância na página oficial de Jair Bolsonaro no Facebook. **Galáxia** (São Paulo), 2021.

VEIRE, F. V. Envy, sin of sins, painful birth of desire: towards a metapsychology of resentment. In: van TUINEN, S. **The Polemics of Ressentiment: Variations on Nietzsche**. London: Bloomsbury Academic, 2018.



ZUCCO, Z; SAMUELS, D. e MELLO, F. O ressentimento é real. **piauí**, fev. 2024. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/a-psicologia-afeta-concretamente-a-politica/>. Acesso em 2 fev. 2025.